



**UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**  
ILAACH – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
Licenciatura em História

**A REPRESENTAÇÃO DOS MAPUCHES NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA CHILENOS: OS HISTORIADORES E  
A CRIAÇÃO/PERPETUAÇÃO DE ESTIGMAS**  
Carmem Geraldo Machado

**Foz do Iguaçu  
2018**

# **A REPRESENTAÇÃO DOS MAPUCHES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA CHILENOS: OS HISTORIADORES E A CRIAÇÃO/ PERPETUAÇÃO DE ESTIGMAS**

Carmem Machado Geraldo  
Aluno do Curso de História- Licenciatura da UNILA  
[carmem.geraldo@aluno.unila.edu.br](mailto:carmem.geraldo@aluno.unila.edu.br)

Tiago Costa Sanches  
Professor de História da UNILA (Orientador)  
[tiago.sanches@unila.edu.br](mailto:tiago.sanches@unila.edu.br)

## **RESUMO**

O disposto trabalho tem como principal objetivo discutir de que forma os indígenas Mapuches são representados nos livros didáticos chilenos atuais, buscando com isso ser capaz de analisar a persistência e/ou novas narrativas a partir da influência exercida pelos trabalhos dos historiadores dos séculos XIX e XX que tiveram grande influência na história da historiografia do Chile. Será que mesmo nos dias de hoje este discurso se encontra reproduzido nos livros didáticos chilenos do século XXI? Com os resultados pesquisados buscou-se problematizar como a historiografia do século XIX e XX contribuiu para propagar estigmas criados em relação aos povos Mapuches, disseminados inclusive nos Manuais Escolares e, se essa concepção estereotipada, continua presente nos livros didáticos do século XXI. Para o presente trabalho, foi analisado empiricamente um livro didático chileno do ensino médio da disciplina de História, avaliando as construções estigmatizadas sobre os Mapuches, suas permanências e/ou construção de novas narrativas.

**Palavras-chave:** Mapuches; livros didáticos; estigmas

## **RESUMEN**

El presente trabajo tiene como principal objetivo discutir de qué forma los indígenas Mapuches son representados en los libros didáticos chilenos actuales, buscando con eso analizar la persistencia y/o nuevas narrativas a partir de la influencia ejercida por los trabajos de los historiadores del siglo XIX Y XX que tuvieron gran influencia en la historia de la historiografía de Chile. ¿Será que mismo en los días de hoy este discurso se encuentra reproducido en los libros didáticos chilenos de siglo XXI? Con los resultados investigados pretendemos problematizar como la historiografía del siglo XIX Y XX contribuye para propagar estigmas creados en relación a los pueblos Mapuches, disseminados inclusive en los manuales escolares y, si esa concepción estereotipada, continua presente en los libros didáticos del siglo XXI. Para el presente trabajo, fue analizado empíricamente un libro didático chileno de la enseñanza media de la disciplina de historia, evaluando las construcciones estigmatizadas sobre los Mapuches, sus permanencias y/o construcción de nuevas narrativas.

**Palabras-clave:** Mapuches; libros didáticos; estigmas

## INTRODUÇÃO

No século XVII a região que atualmente conhecemos como sul do Chile era habitado pelos povos Mapuches. Este povo indígena guarda uma peculiaridade em relação a outros indígenas da América Espanhola: eles não foram conquistados pelos espanhóis, nem mesmo pelos incas<sup>1</sup>. A literatura especializada na História dos Mapuches (BOCCARA, 2007; SIQUEIRA, 2009; GREGORY, 2011) aponta que os indígenas Mapuches estiveram em conflitos contra os invasores europeus desde o começo de 1546, quando Pedro de Valdivia facilmente entra no Chile pelo Norte atravessando o deserto do Atacama e, posteriormente, fundando o povoado de Santiago (atual capital), com a confiança de que a conquista seria tranquila. (TAVARES, 2015).

O interesse de pesquisar sobre a representação dos Mapuches nos livros didáticos surgiu em uma disciplina intitulada América: Invasão e Colonização; colonialidade e resistência, especificamente após a leitura de um artigo intitulado *La representación de los mapuches en la historiografía chilena: 1882-1973*<sup>2</sup>. Nesse texto, o autor apresenta as diferentes versões de historiadores que contribuíram para uma visão estigmatizada dos indígenas Mapuches. Dessa forma, esta experiência despertou a vontade de pesquisar e saber mais sobre esses povos que resistiram 300 anos contra seus colonizadores, mas na historiografia são silenciados por historiadores que, aparentemente, utilizavam a própria escritas historiográficas para seus interesses próprios, contribuindo assim para uma visão estereotipada e estigmatizada, carregada de um discurso de inferioridade sobre o outro.

Neste sentido, a presente pesquisa procura discutir de que forma os indígenas Mapuches são representados nos livros didáticos chilenos atuais, buscando com isso ser capaz de analisar a persistência e/ou novas narrativas a partir da influência exercida pelos trabalhos dos historiadores dos séculos XIX e XX que tiveram grande influência na história da historiografia do Chile. Será que nos dias atuais persiste o discurso

---

1 Povos indígenas que habitaram a região estendendo seus domínios por grande extensão na atual América do Sul.

<sup>2</sup> Disciplina ofertada para o curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino Americana

estigmatizado reproduzido nos livros didáticos chilenos do século XIX e XX, tal como apontam a literatura especializada<sup>3</sup>?

Além disso, caso os livros didáticos contemporâneos chilenos persistam em velhas narrativas, como discutir com os alunos a contemporaneidade destes povos? Estão os Mapuches fadados a não aparecerem como personagens históricos relevantes nas narrativas oficiais chilenas?

Para responder a estes questionamentos, primeiramente foi preciso entender quem foram os Mapuches e seu percurso de resistência na História não oficial chilena. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica com trabalhos historiográficos publicados por historiadores chilenos dos séculos XIX e XX.

Após este levantamento sobre as produções historiográficas analisaram-se narrativas contemporânea sobre os Mapuches nos livros didáticos. Tomou-se como fonte de análise um livro didático adotado pelo Ministério da Educação do Chile em 2018, especificamente do primeiro ano do ensino secundário<sup>4</sup>, denominado “Historia, Geografía y Ciencias Sociales: 1º educación media (texto del estudiante) – Editora Santillana”. Este livro foi desenvolvido especificamente para o Ministério da Educação Chilena e adotado em todo o território nacional. O objetivo de analisar este livro era o de utilizar como um documento histórico, avaliando as construções estigmatizadas sobre os Mapuches, suas permanências e/ou construções de novas narrativas.

## **2 OS MAPUCHES E A RESISTÊNCIA COLONIAL**

Segundo Bond (2005) em seu artigo intitulado “Os heróis Mapuches”, O espanhol Pedro de Valdivia era ousado e procurou expandir os domínios de terras, assim comandou uma expedição para o sul, chegando ao rio Bio-Bio. O que Valdivia desconhecia, era que nas proximidades existia a Araucania, território sagrado dos Mapuches. Logo que os indígenas se sentiram ameaçados atacaram a expedição. Para a

---

3 Sobre a construção de imagens e narrativas estigmatizadas pela historiografia chilena e reproduzida nos livros didáticos, ver: Menezes (2010); Quilaqueo; Torres(2013); Quilaqueo; Merino, (2003); Smith,(2010);Gálvez; Blanch; Joan,(2015); Deniscelli (2013).

4 Corresponde ao primeiro ano do ensino médio do Brasil.

autora, Valdivia se sentiu obrigado a regressar para o povoado de Santiago e passou anos preparando uma nova expedição para conquistar a região sul, o que só fez em meados de 1550, quando partiu para conquistar novas terras. Ao chegar ao rio Laja, sua tropa foi atacada de surpresa pelos Mapuches obrigando-os fugir novamente para Santiago.

Ainda segundo Bond (2005), mesmo com as duas derrotas, Valdivia conseguiu trazer alguns prisioneiros Mapuches e ordenou que cortassem suas mãos direitas e narizes, e soltassem os mesmos para regressarem ao povoado. Ele acreditava que tal ato teria o poder de assustar o restante da tribo. Todavia, houve um efeito inverso, ao invés dos Mapuches se esconderem, organizaram uma contra ofensiva a Valdivia e, no rio Adalién, atacaram os espanhóis, que novamente fugiram para Santiago. Para a autora, nos anos que seguiram, Valdivia insistiu na conquista e dominação dos Mapuches e acaba fundando uma base em Concepción. Os Mapuches atacaram seus soldados, fazendo com que ele fosse pedir ajuda ao vice-reinado no Peru. Apesar das derrotas, Valdivia obteve algum êxito na fundação de bases em Confines (hoje Angol), Arauco e Lebu.

Apesar dos espanhóis não conseguirem êxito em suas ações contra os Mapuches, continuavam insistindo com novas ações militares e planos territoriais. A intensificação destes conflitos entre espanhóis e Mapuches acabou conhecida como a “Guerra do Arauco”, iniciada em 1536 e que durou 3 séculos, o conflito em si durou mais de 120 anos e as relações pacíficas predominaram por 168 anos e, apesar das inúmeras baixas, conflitos e perdas, nunca resultou na submissão total dos Mapuches pelos espanhóis. (CHIHUAILAF, 2010)

Em 1641, segundo Rodriguez (2008), a coroa da Espanha reconheceu a autonomia dos Mapuches a partir do tratado de Quilín, exclusivamente da região Biobio ao sul do território chileno, o que representou uma pacificação no conflito entre espanhóis e Mapuches. Se considerarmos que guerra é definida por uma batalha entre homens, luta entre nações com violência pode-se afirmar que o que acabou foi o estado de guerra, os confrontos e revoltas relevantes, mas, a resistência e pequenos conflitos se mantiveram ao longo do período colonial mesmo com o tratado manteve em espaço limitado os conflitos. (CHIHUAILAF, 2010)

A guerra que finaliza em 1656 é chamada de Guerra do Arauco, mas os conflitos acabaram definitivamente entre Mapuches e espanhóis com a guerra da independência do Chile (1818). Quem havia reconhecido o território Mapuches foram os espanhóis apesar dos conflitos ainda existirem isolados. No entanto, no processo de independência, cabia aos Mapuches decidirem se ficariam ao lado dos espanhóis que lhes reconheceram o território ou apoiariam os chilenos que lutavam para serem independentes da Coroa Espanhola. Os Mapuches acreditaram nos chilenos que lhes prometeram o território Mapuches, bem como sua autonomia, garantindo direitos iguais aos cidadãos chilenos e voz e espaço no parlamento do Chile. (CHIHUAILAF, 2010)

Todavia, como aponta Rodriguez (2008), uma vez alcançada à independência, as promessas de igualdade não foram atendidas, as autoridades do Estado chileno seguiram o mesmo caminho dos conquistadores e decidiram levar em conta a influência dos políticos e empresários chilenos que tinham interesses econômicos na ocupação das terras Mapuches. Assim, o recém independente Estado Chileno entra diretamente em conflito com os Mapuches ao tentar invadir seus territórios para distribuir entre os colonos, grandes proprietários e empresas estrangeiras. A invasão do território Mapuche, também conhecida como Pacificação Araucanía justificou-se, dentro da lógica do Estado Chileno, pela óptica do desenvolvimento econômico, sem respeitar as diferenças de cultura e pensamento, nem o direito ancestral ao território Mapuches. Assim, numa lógica perversa focada apenas nos interesses econômicos, Rodriguez (2008) afirma que, como resultado da invasão ao território Mapuches, legitima-se a discriminação por meio de vários mecanismos econômicos e legais<sup>5</sup>.

Apesar das inúmeras perdas e derrotas a que foram submetidos nos últimos quinhentos anos de história, é notório as ações e organização de resistência do povo Mapuches, para citar apenas alguns: criação do primeiro sindicato dos trabalhadores do Chile (século XIX); liderança pela Reforma Agrária (1970); luta contra a ditadura do

---

5 Até os dias atuais, o Estado Chileno não reconhece os Mapuches como Mapuches, apenas como cidadãos chilenos. Isso significa que não existe reconhecimento de seu idioma, sua cultura, costumes e crenças. Sequer é possível aos Mapuches utilizarem seus nomes ancestrais. Para usufruírem do sistema de saúde, educação, etc, eles necessitam adotar o nome, a cultura e toda a documentação que cabe a todos os cidadãos chilenos. Para saber mais sobre o assunto ver: Viera;Ferreira(2011) Branada(2006); Graúna(2016).

Governo Pinochet (1973-1990), principalmente contra a decisão de autorização de exploração de madeiras em território Mapuches. (Cf. RODRIGUES, 2008; BOND, 2005)

A violação dos direitos mais emblemáticos aplicados contra os Mapuches na contemporaneidade ocorreu no final do período militar com a reformulação da lei antiterrorista (1984) para combater grupos insurgentes<sup>6</sup>. Esta lei foi considerada uma das mais duras da legislação chilena. No início do século XXI, a lei antiterrorista será ainda mais instrumentalizada para combater os conflitos entre o estado e os Mapuches, fazendo uso da força para contê-los e gozando de plena autonomia, por exemplo, para efetuar prisões preventivas sem precisar de justificativa. Assim, o Estado fazendo uso da sua autoridade os qualificou como terrorista como forma de silenciar os povos Mapuches, fazendo a população chilena temer os indígenas, contribuindo para a disseminação de estigmas. (LOPES, 2018)

A autora Bond (2005) descreve que os Mapuches ao longo da história reivindicam seus territórios que foram roubados no século XIX, e o seu reconhecimento como autoridade autônoma, buscando ter a independência completa da região Araucanía. Mas o que se vê no sul do Chile é um enfrentamento entre o estado e o povo, num contexto de completa militarização da região da Araucanía e criminalização do movimento, no qual os Mapuches, ao resistirem, são presos, torturados ou assassinados sob a alegação de “terrorismo”, subvertendo assim toda a pauta de reivindicação dos Mapuches sobre o seu território ancestral, principal bandeira destes. (BOND, 2015)

Bond (2005) irá afirmar que, atualmente, no território chileno, os Mapuches já conseguem formar alianças políticas, organizar movimentos sociais, passeatas e protestos, mostrando-se visível em um País que insiste em não reconhecer sua história. Alias, não é possível debater a violência sofrida pelos Mapuches por meio de ações e práticas do Estado chileno sem assinalar outras formas de violência que os mesmos são

---

6 No Chile a criação da Lei n. 18.314/1984, denominada lei antiterrorista foi duramente criticada por inúmeros organismos internacionais, inclusive pela Corte Interamericana de Direitos Humanos (CorteIDH) que consideram que a mesma é um instrumento para fins de repressão política de movimentos populares. Ver Lopes; Santos Junior (2018).

submetidos, uma violência que é mais simbólica e ideológica, que tem sido historicamente empregada contra os Mapuches de diferentes formas e que produz resultados igualmente excludentes e violentos. De todas as formas e expressões de violência simbólica, esta pesquisa irá se debruçar especificamente em uma: o apagamento do povo Mapuche da historiografia chilena pelos historiadores nos livros didáticos de história.

### **3 A HISTORIOGRAFIA CHILENA DOS SÉCULOS XIX E XX E O PROCESSO DE APAGAMENTO DO POVO MAPUCHE**

Devemos levar em conta a importância do papel do historiador para a construção da identidade nacional e para explicar os processos e conflitos históricos com a responsabilidade de descrever a visão que se tem do outro. A narrativa histórica do Chile esteve marcada desde seu início por uma série de conceitos equivocados e repletos de afirmações etnocêntricas, onde o outro (Mapuche) foi levado ao um plano inferior, com afirmações estereotipadas que legitimaram o poder do Estado e do colonizador:

A la historia, o más precisamente a los historiadores, incumbe una responsabilidad en la visión que se tiene del otro. Diferentes historiadores lo han subrayado. Decimos responsabilidad ateniéndonos a lo afirmado por Marc Ferro: la imagen que tenemos de otros pueblos, o de nos otros mismos, es la que nos enseñaron cuando éramos niños. Esa imagen nos marca por la vida. (CHIHUAILAF, 2012, p. 468)

Adentrando século XIX e XX, Chihuailaf (2012) defende a tese de que os historiadores desse período tiveram o papel de construir uma historiografia Mapuche estereotipada. Quando mencionamos a palavra historiografia estamos fazendo referência aos registros escritos na história, ofício do historiador e os resultados de suas produções científicas, tidas como a versão “oficial” do registro histórico, do que “realmente aconteceu”, estejam elas publicadas em monografias, artigos, dissertações ou livros didáticos.

Em seu livro Chihuailaf (2012) faz uma abordagem crítica em relação à visão dos Mapuches no discurso histórico chileno, no sentido simples da palavra, ou seja, na



maneira de ver e perceber, ele retrata a visão e não a historiografia propriamente dita. Segundo o autor, na produção historiográfica do Chile prevaleceu a visão ao invés da história, visão esta que estará marcada por uma perspectiva estigmatizada do povo Mapuche.

Entendemos aqui o conceito de estigma tal como definido pelo sociólogo norte-americano Irving Goffman que definirá:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (GOFFMAN, 1975, p.12)

Assim, empregando o conceito de estigma de Goffman e fazendo uso da revisão de literatura sobre os trabalhos históricos sobre o povo Mapuche feito por Chihuailaf (2012), percebem-se principalmente dois historiadores centrais para que a visão historiográfica Mapuche ficasse estigmatizada, Benjamin Vicuna Mackenna e Jaime Eyzaguirre, principalmente por empregarem um discurso histórico gerador de uma visão estigmatizada dos indígenas que levou, na atualidade, para o apagamento dos povos indígenas Mapuches na historiografia chilena.

Para ilustrar o “apagamento” e a estigmatização dos Mapuches na historiografia chilena, podemos citar os dados do Censo chileno de 1940 que estima a população Mapuche no período em mais de 115 mil indígenas. Já no século XX, esse número aumenta consideravelmente para 450 mil, e 500 mil no século XXI. Contudo, apesar do tamanho populacional e protagonizarem um movimento social organizado e historicamente antigo, para muitos chilenos, quase não existem mapuches e, quando estes aparecem, estão estigmatizados na historiografia. (CENSO, MINISTERIO DA COLONIZACAO, 1940 apud CHIHUAILAF, 2012)

O historiador Benjamin Vicuna Mackenna, do século XIX, foi um historiador e parlamentar com grande influência na política chilena. Foi deputado, senador e prefeito

de Santiago. Segundo Chihuailaf, era um determinado defensor da subjugação dos Araucanos<sup>7</sup>:

Até a Vicuña Mackenna escreveu na Introdução à sua História Geral da República do Chile (1866-1882): escrito "a história dos governos do Chile, não a da sua sociedade, exceto a do seu povo", no entanto, ele consagrou "suas melhores páginas à história dos heróis" como disse Guillermo Feliú Cruz. Em 1980, M. Carmagnani apontou: "isso ainda não aconteceu no Chile, uma historiografia capaz de gerar uma imagem histórica diferente daquela proposta pelos intelectuais da oligarquia (CHIHUAILAF, 2012, p.468)

Com intuito de conquistar o território araucano, Mackenna utilizou do parlamento, do qual era integrante, para conseguir pelo discurso, atrair votos dos parlamentares para liberação de homens e armas para a invasão ao território Mapuche.

Nesse período, utilizou-se da imprensa para propagar uma visão inferiorizada dos indígenas, alegando que a guerra do Arauco foi sangrenta não por causa da coragem dos povos, mas pela falta de homens e munição por parte dos espanhóis durante a guerra e, por esta única razão, não obtiveram êxito sobre os araucanos.

Mackenna, no século XIX, contribuiu para disseminar o ódio chamando os Mapuches de selvagens, atrasados, bárbaros, incitando a conquista de suas terras ancestrais, em suma, seu objetivo era o de, por meio do voto dos parlamentares, obter a conquista que ocorreria por um projeto de lei referendado no parlamento que proporcionassem que as terras Mapuches fossem alienadas gratuitamente. Desta forma, vários meios foi utilizados para apoderar-se da terra, a má-fé por parte dos contratantes, falta de pagamento das terras vendidas, dessa forma satisfazendo os interesses do comprador. (CHIHUAILAF, 2012)

Mackenna fabricou o discurso da inferiorização do outro através da disseminação da crença de sua inferioridade, conseguindo assim implantar a “civilização” em terras “selvagens” e assumindo uma posição de acordo com seus interesses. Ao fazer isso, Mackenna deixou sua marca na historiografia do século XIX e

---

7 O termo Araucano foi empregado por A. de Ercilla em seu poema *La Araucana* (1569-1589) para se referir aos Mapuches.

suas produções historiográficas contribuíram para a construção dos estigmas criados e perpetuados em relação aos Mapuches.

O objetivo de subestimar os indígenas não terminou no século XIX, outro historiador, Jaime Eyzaguierra, considerado um intelectual católico e hispânico, teve uma forte contribuição através da publicação de seus livros, artigos e papéis publicados e utilizados em academias, escolas e publicações de revistas, contribuindo para formar o discurso a partir de sua visão em relação aos Mapuches. O trabalho de Eyzaguierra teve ampla repercussão e propagação no âmbito escolar e acadêmico. Seu principal trabalho, “Fisionomia Histórica do Chile”, um livro no qual faz referência aos Araucanos, terá forte impacto na construção do estigma sobre os Mapuches:

Suvisión de la historia tiene “más de mensaje que de análisis”, más de emociones que de ideas. Presenta su visión de la historia como algo evidente, natural. No se trata de reprocharle sus certezas, sino de observar que esa lectura del pasado se proyecta al presente mediante las sucesivas reediciones de su obra contribuyendo de esta manera a alimentar prejuicios: están aquellos pueblos que tienen conciencia de la historia y una visión de La patria y del Estado y aquéllos que por su rudimentaria cultura no pueden elevarse al estadio de las ideas abstractas y de La reflexión (CHIHUAILAF, 2012, p. 474)

Em seu discurso historiográfico, seu objetivo não foi descobrir os povos nativos, mas mostrar que não contribuíram nem para história e menos ainda para a imagem histórica do Chile. Para Eyzaguierra araucano é sinônimo de atraso da civilização e da indústria, atrasando a cultura do País. Assim, a partir da construção desta visão, as instituições e publicações que controlam a produção histórica do século XX foram essenciais na disseminação do discurso hispânico de Eyzaguierra.

No período mencionado acima entre o século XIX e XX os historiadores contribuíram para a persistência dessa imagem negativa dos povos Mapuches. Devesse destacar que a historiografia chilena vinha de uma classe aristocrática composta por intelectuais da oligarquia. Segundo Chihuailaf (2012), como se surpreendemos com a longa ignorância em relação à história indígena, se desde a conquista, a história ocidental foi organizada em torno da Europa, o que estabeleceu uma referência central para historiografia centrada no colonialismo. Dessa forma, tais produções são carregadas de uma imagem negativa que foi amplamente disseminada como o discurso

histórico oficial. No caso Mapuche, essa discussão foi pouco estudada, o que pode ter contribuído para a persistência dessa imagem em diversos elementos da cultura histórica, inclusive os materiais didáticos.

#### **4 OS LIVROS DIDÁTICOS CHILENOS E A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS MAPUCHES**

A partir deste levantamento historiográfico sobre o processo de apagamento dos povos Mapuches no Chile buscaremos neste tópico verificar como materiais didáticos chilenos representam a história destes povos. A edição a ser analisada foi retirada do blog intitulado “GenaroSalvo” tecnologia e docência educación sin limites, criado por Genaro Salvo Fuentes que atualmente trabalha no Centro de Educação de alta tecnologia (CAET), também é professor programador na universidade de engenharia DUOC UC, essa instituição possui uma missão de destaque na trajetória educacional em nível nacional e sul-americano.

O objetivo da criação do blog é proporcionar compartilhamentos de recursos, notícias, artigos, pesquisas, serviços e experiências inovadoras voltados a professores e a área de educação, buscando o aproveitamento de novas tecnologias e rompendo barreiras. Dentro do blog existe uma área destinada a baixar livros didáticos em formato PDF<sup>8</sup>. Trata-se de uma parceria com o Ministério da Educação do Chile. Dessa forma, ao navegar na plataforma é possível ter acesso aos textos escolares fornecidos nas escolas chilenas por níveis educacionais. Nesta investigação realizamos um estudo exploratório analisando o livro didático do primeiro ano da Educação Media (Ensino Médio), que trata das disciplinas de “Historia, Geografía y Ciencias Sociales”. Neste livro buscamos fragmentos que tratavam sobre a temática indígena, mais especificamente dos povos Mapuches.

Para realizar a análise do livro foram adotados dois procedimentos metodológicos. O primeiro deles foi utilizar as palavras chaves: Mapuche, Mapuches e Araucanos no sistema de busca do PDF e ver onde estes termos apareciam. Em todas as

---

<sup>8</sup> Software de leitura utilizado para ler o livro digitalmente

319 páginas que compõem a obra, os termos utilizados aparecem no começo do capítulo 4 na sección Lección 1 intitulado “El proceso de exploración del territorio” essa seção faz uma abordagem sobre o território chileno e suas expansões territorial, no entanto na mesma seção os Mapuches são mencionados quando é se referido as etnias indígenas no século XIX existentes no Chile, nesse fragmento os povos Mapuches, são caracterizados por ser uma comunidade indígena de maior número nesse período relatado. Todavia é descrito no livro didático a região das Cordilheiras é mencionada descrevendo a região Araucanía, mas os povos Mapuches não são mencionados. Contudo o termo foi encontrado em um capítulo intitulado “*La ocupación de La Araucanía y las relaciones com los pueblos originários*”. O segundo procedimento metodológico empregado foi ler uma por uma todas as cinco unidades do livro, buscando ver se direta ou indiretamente existiam referências ao povo Mapuche e seu protagonismo na história Chilena. Novamente, o único capítulo onde existe referência aos Mapuches é a Lección 3 da Unidade 4: “*La ocupación de La Araucanía y las relaciones com los pueblos originários*”.

Especificamente falando da Lección 3 da unidade 4, “*La ocupación de La Araucanía y las relaciones com los pueblos originários*”, a lección é iniciada com a apresentação dos objetivos do capítulo (denominado *Ruta de Aprendizajes*) que, segundo o mesmo seria o de:

Neste lição conhecerás o processo de ocupação da Araucania, as estratégias empregadas pelo Estado no processo e suas consequências. Você também estudará a relação que o Estado mantém com os diferentes povos indígenas do território nacional e os desafios atuais que existem em relação às suas demandas<sup>9</sup>. (MERY et al, 2017, p. 230, tradução nossa)

Na sequência, ainda na Ruta de Aprendizajes, o texto busca justificar as razões para aprender o conteúdo do capítulo. Esta justificativa é apresentada com o subtítulo de “*¿Para que los aprenderás?*”

---

9 Citação Original: “En esta lección conocerás el proceso de ocupación de La Araucanía, las estrategias empleadas por el Estado em este proceso y sus consecuencias. También estudiarás la relación que ha mantenido el Estado con los diferentes pueblos originarios del territorio nacional y los desafios actuales que existen com respecto a sus demandas”. (MERY et al, 2017, p. 230)

Para que conheças as raízes históricas de temáticas atuais e as diversas demandas reivindicativas dos povos indígenas em suas relações com o Estado. Da mesma forma, para que você valorize os benefícios de viver em uma sociedade diversificada na qual diferentes povos possam compartilhar livremente a riqueza de suas culturas e cosmovisões<sup>10</sup>. (MERY et al, 2017, p. 230, tradução nossa)

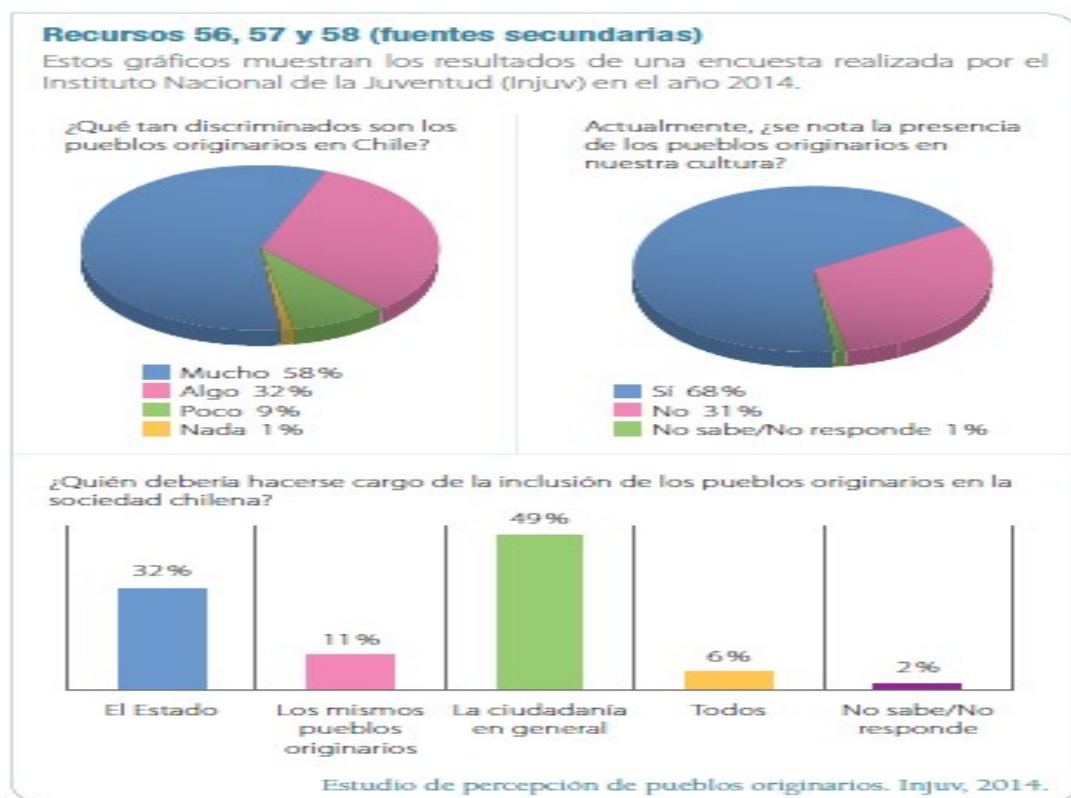
Os objetivos propostos dizem respeito à ocupação territorial da região Araucanía (do ponto de vista territorial), descrevendo o papel do Estado em relação à ocupação, bem como as consequências deste processo, propondo inclusive pensar os desdobramentos disso na atualidade. Como justificativa para tal estudo, os autores reclamam a temática da diversidade cultural e a importância de se trabalhar a cosmovisão indígena. Todavia, ao analisar o livro os resultados encontrados são contraditórios com o que a proposta inicial, apresentando, por um lado a visão colonial dos conquistadores da região, contudo, por outro, tece alguns apontamentos sobre a cultura e a diversidade Mapuche, ainda que não aprofunde.

Logo no início do capítulo intitulado “*Explora tus ideas previas*” é apresentado um gráfico sobre a percepção dos chilenos sobre os povos originários (Gráfico Recursos 56, 57 y 58, fuentes secundarias). Esse gráfico mostra uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional da Juventude no Chile no ano 2014.

**FIGURA1: Gráfico sobre discriminação em relação aos povos originários no Chile (2014)**

---

10 Citação Original: Para que conozcas las raíces históricas de temáticas actuales y las diversas demandas reivindicativas de los pueblos indígenas en su relación con el Estado. Así mismo, para que valores los beneficios de vivir en una sociedad diversa en la que distintos pueblos pueden compartir libremente la riqueza de sus culturas y cosmovisiones. (MERY et al, 2017, p. 230)



Fonte: MERY et al, 2017, p. 230)

Ao analisar o gráfico nota-se 58% da população entrevistada acredita que os povos originários são discriminados. Que 68% notam a presença da cultura indígena no Chile, que 49% acredita que quem deveria se encarregar da inclusão da população indígena na sociedade chilena são os cidadãos em geral. Ficando com 32% o papel do Estado e 11% os próprios povos originários. Estes dados mostram que os entrevistados possuem uma noção crítica do problema, bem como reconhecem a necessidade do próprio engajamento para contorná-lo. Além disso, ao utilizar estes dados em um livro didático, os autores chamam a atenção para um problema sério e tentam partir das próprias percepções dos alunos, suas imagens e representações sobre os indígenas. Todavia, seguindo com a análise do livro, encontra-se um texto que faz referência a ocupação da região Mapuche de forma descontextualizada. O título do fragmento é “*El proceso de ocupación Araucanía.*”

Após o término da guerra contra a Confederação Peru-Bolívia (1836-1839) se iniciou a colonização da Araucanía por antigos soldados e comerciantes, mediante a compra ou usurpação de terras indígenas. Devido à informalidade desse processo, muitas vezes o mesmo terreno foi designado mais de uma

vez, de modo que não puderam ser usados ou estavam vagos. De maneira paralela, os Mapuches foram deslocados para o sul ou para setores improdutivos das Cordilheiras com pouco interesse econômico<sup>11</sup>. (MERY et al, 2017, p. 231, tradução nossa)

O parágrafo acima mostra a ocupação das terras da região da Araucanía como uma forma pacífica de compra de terras na informalidade. Apresentando que no século XX os livros didáticos ocultam a história do processo de ocupação deste território num processo que ficou conhecido como “pacificação Araucanía”. Tal processo que ocorreu de forma gradual e se manteve ao longo de vinte e três anos, não aconteceu de forma pacífica, de fato estabeleceu uma guerra sangrenta entre chilenos e Mapuches, conflito este não abordado ou mencionado no livro. Como resultado desse conflito, os Mapuches foram arrancados de suas terras de forma violenta e, posteriormente, suas terras foram entregues aos colonos (o livro retrata este processo como meramente relações comerciais informais e não conflitivas), resultando na exploração dos territórios, com a justificativa de desenvolver a economia nacional. Todavia, a federação dos direitos humanos no Chile, ao abordar a temática referente à ocupação Araucanía, esclarece que:

A partir de 1881, con la colonización del sur conocida como la campaña de "Pacificación" de los araucanos y correspondiente a la derrota militar mapuche a manos del ejército chileno, se inicia el despojo violento de las tierras Mapuche.

Las tierras substraídas a los indígenas fueron donadas a colonos europeos o venidas a bajo precio a chilenos no indígenas, que las adquirieron para sí formando en algunos casos grandes latifundios. Gran parte de estas tierras fueron usurpadas por latifundistas vecinos, mediante corridas de cercos, engaños y manipulaciones legales sobre antiguas mercedes y contratos, que menos cabaron el derecho de propiedad de los mapuches sobre ellas (FIDF, 2003, p. 9)

Na sequência, o livro afirma que as principais razões que motivaram a ocupação das terras indígenas foram: os interesses econômicos pelas terras férteis para o

---

11 Citação Original: Tras el término de la guerra contra la Confederación Perú-Boliviana (1836-1839) se inició la colonización de La Araucanía por ex soldados y comerciantes, por medio de la compra o usurpación de tierras indígenas. Debido a la informalidad de este proceso, muchas veces un mismo paño de tierra era asignado más de una vez, por lo que no se podían aprovechar o estaban baldíos. En forma paralela, se fue desplazando a los mapuche hacia el sur o a sectores cordilleranos poco productivos y de escaso interés económico. (MERY et al, 2017, p. 231)



desenvolvimento da agricultura e da indústria e o controle político das fronteiras. Segundo o livro didático, a ocupação serviu para o Estado ampliar seus territórios e avançar economicamente. A baixo é apresentando o trecho que, segundo o livro, justifica os motivos que impulsionaram o Estado a ocupar a região Araucanía.

Os interesses econômicos: O aumento da população no norte do Chile decorrentes do boom do nitrato, juntamente com o aumento explosivo da demanda por trigo ocasionada pela corrida do ouro nos Estados Unidos e na Austrália, concentrou-se nos vales férteis de La Araucanía para desenvolver a agricultura, a indústria e o controle político. A incorporação de La Araucanía significaria para o Estado controlar melhor um grande setor do território, o que também contribuiria para melhorar a defesa das fronteiras.<sup>12</sup>. (MERY et al, 2017, p. 231, tradução nossa)

Na continuidade da discussão, os autores passam a debater a aprovação da lei de 1861<sup>13</sup>, colocada em pauta junto ao Congresso pelo coronel Cornelio Saavrada. Segundo Castilho (2016) em seu artigo intitulado “Thomas Guevara e o povo Mapuche”, foi o Coronel que comandou a “Ocupação Araucania” ao defender um projeto para colonizar a região que propunha que as terras fossem propriedades do Estado e distribuídas por ele entre famílias de trabalhadores chilenos e estrangeiros. Essa lei resultou na Comissão Radicadora Indígena, cujo objetivo era erradicar os indígenas Mapuches, alocando-os em reservas demarcadas pelo Estado, desocupando a região de Araucanía e tornando o território de origem dos Mapuches “livre” para a civilização.

O livro didático traz esta informação, todavia, não a problematiza, apenas cita a aprovação da lei e afirma que passou ao Estado a tutela das terras mapuches: “Em 1866, uma lei foi aprovada declarando o Estado como o único comprador de terras, proibindo

---

12 Citação Original: “Los intereses económicos. El incremento de la población en el norte de Chile por el auge salitrero junto con el explosivo aumento de la demanda de trigo gracias a la fiebre del oro en Estados Unidos y Australia centraron la mirada en los fértiles valles de La Araucanía para desarrollar la agricultura y la industria.El control político. La incorporación de La Araucanía significaría para el Estado controlar de mejor manera un amplio sector del territorio,lo que además contribuiría a mejorar la defensa de las fronteras”. (MERY et al, 2017, p. 231.)

13 A lei 1861 declara total autonomia Estado do Chile sobre a região Araucanía.

o tratamento direto entre os mapuches e particulares<sup>14</sup>”. (MERY et al, 2017, p. 231, tradução nossa) Faltam aqui, inclusive porque é apresentado como objetivo do capítulo, debater e problematizar o impacto da aprovação desta lei para os povos Mapuches, inclusive retomando o gráfico apresentado no início do capítulo sobre a percepção dos chilenos sobre os povos originários. Aqui, para se ater a um único exemplo, encontramos uma oportunidade de relacionar fatos do passado com consequências contemporâneas, explorando dados e percepções dos alunos sobre o problema. Mas não é feito.

Na continuidade do texto são descritos os processos de resistência dos Mapuches frente à ocupação de seus territórios. Mais uma vez o material didático cita fatos e datas, mas não explora ou problematiza os mesmos. Outra característica que merece ser destacada e pode ser observada do trecho extraído do livro didático abaixo é que, além de citar fatos e datas, o livro se preocupa em nomear os personagens históricos responsáveis pela ocupação do território Mapuche (Orelie Antoine de Tounens – rei da Araucania e Coronel Cornelio Saavedra), colocando seus nomes no rol dos protagonistas da História Chilena. Todavia, nada é dito ou explorado sobre as formas de resistência dos Mapuches, as formas de organização, estratégias ou o impacto disso para os mesmos:

Além disso, a ação do exército chileno se intensificou porque a resistência mapuche em defesa de seu território ancestral aumentou após a chegada em 1861 de Orelie Antoine de Tounens, o autoproclamado "rei da Araucanía", e a subsequente rebelião do cacique Quilapán em 1868. Por essa razão, o Estado encarregou o Coronel Cornelio Saavedra de iniciar um plano de ocupação militar do território mapuche<sup>15</sup>. (MERY et al, 2017, p. 231, tradução nossa)

---

14 Citação original: “Inicio del proceso. En 1866 se dictó una ley que declaró al fisco como único comprador de tierras, prohibiendo en adelante el trato directo entre losmapuche y particulares”. (MERY et al, 2017, p. 231)

15 Citação original: “Además, la acción del ejército chileno se intensificó debido a que la resistencia mapuche en defensa de su territorio ancestral aumentó tras la llegada en 1861 de Orelie Antoine de Tounens, el autoproclamado “rey de La Araucanía”, y el posterior levantamiento del cacique Quilapán em 1868. Por ello, el Estado comisionó al coronel Cornelio Saavedra para iniciar un plan de ocupación militar del territorio mapuche. (MERY et al, 2017, p. 231)

O próximo subtítulo do capítulo analisado é intitulado “*El avance del Estado-nación chileno em território mapuche*”, nesse trecho o livro explica o que será descrito nos próximos textos que será realizado uma análise explicativa do que foi mencionado até o momento, ou seja, que o Estado chileno no século XIX, com o objetivo de estabelecer seus limites e soberania além de desenvolver suas fronteiras, aplica medidas tanto científicas como de caráter militar. (MERY et al, 2017, p. 231) Um ponto interessante e que merece ser destacado no livro analisado é que ele utiliza fragmentos de fontes primárias, documentos, gráficos e imagens para a construção de uma narrativa histórica do que está sendo abordado. Neste sub-item, após a apresentação sobre o papel do Estado chileno na ocupação territorial dos Mapuches o livro traz destacado em forma de box uma carta enviada por Cornelio Saavedra às autoridades chilenas em 1870:

[...] Muito graves foram os prejuízos que esta província sofreu com as depredações causadas pelos índios fronteiriços na última crise política; mas grave ainda são as consequências. [...] Eles não pararam de nos ameaçar com suas lanças, saques e destruição de nossas vidas, propriedades, etc., uma vez que levamos o nome de chilenos. [...] [Eles não serão] jamais redutíveis senão pela respeitabilidade que podemos adquirir pela força armada; única justiça e moralidade bem entendidas por eles. Em cada evento como aquele que ainda não passamos, esta província retrocede a dez anos, pelo menos daqueles que avançaram em população e indústria<sup>16</sup>. (SAAVEDRA, 1870 apud MERY et al, 2017, p. 232, tradução nossa)

Neste fragmento é possível perceber a visão estigmatizada sobre os povos Mapuches colocando-os como bárbaros e vândalos. Na visão de Saavedra, os indígenas eram descritos como selvagens: “[...] No han cessado de amenazarnos con sus lanzas, saqueos y destruccion de nuestras vidas, propiedades, etc”. No livro *Historia del Pueblo Mapuche (siglo XIX Y XX)* o antropólogo Jose Bengoa afirma que os Mapuches sofreram com a ocupação, suas casas foram queimadas, suas mulheres e

---

16 Citação original: [...] Muy graves han sido los perjuicios que esta provincia ha sufrido con las depredaciones causadas por los indios fronterizos en la última crisis política; pero más graves aún las consecuencias. [...] No han cesado de amenazarnos con sus lanzas, saqueos y destrucción de nuestras vidas, propiedades, etc., desde que llevamos el nombre de chilenos. (...) [No serán] jamás reducibles sino mediante la respetabilidad que lleguemos a adquirir por la fuerza armada; única justicia y moralidad bien entendida por ellos. En cada acontecimiento como el que todavía no acabamos de pasar, esta provincia retrocede diez años al menos de los que ha avanzado en población e industria. (SAAVEDRA, 1870 apud MERY et al, 2017, p. 232)

filhos torturados e levados como refém uma maneira que os Mapuches encontravam foi revidar saqueando as tropas de Saavreda.

Nesse fragmento os espanhóis se colocam como vítimas e os “Mapuche como problema”. Esta é uma visão oficial do problema indígena que procura ignorar e ocultar a situação de colonialismo e opressão a que os povos indígenas, incluindo os Mapuches, que foram submetidos sistematicamente.

O livro didático traz outra fonte histórica, apresentada a seguir que expõem o contexto histórico em que ocorreu a ocupação da Araucanía, esse fragmento expõe o contrário da historiografia pertinente no século XX, descrevendo que o colonialismo é o controle do estado ou o controle que as pessoas estabelecem sobre as outras, ou seja, a La Araucanía em meados do século XIX foi vítima do ideário positivista-evolucionista que se instalou na América Latina. Dessa maneira, as teorias raciais alegavam que as raças superiores (brancas) e as raças inferiores (indígenas) foram essenciais para justificar o domínio sobre os Mapuches e a necessidade de realizar uma Revolução Industrial para o desenvolvimento econômico do Chile. Assim o Chile passa a exportar trigo e outros produtos, em resultado dessa nova conjuntura, as terras Araucanas passam a ser alvo de ocupação.

[...] Se no sentido mais original do termo, o colonialismo repousa sobre o controle que um Estado ou povo estabelece sobre os outros [...]; a formação do Estado no Chile e na Argentina durante o século XIX significou a configuração de uma relação colonial inaugurada com o lançamento de dois processos de conquista militar paralelos que foram denominados paradoxalmente como "Pacificação de Araucanía" e "Conquista do Deserto" durante o século XIX. Esses fenômenos históricos mudaram drasticamente a geopolítica e a geoeconomia do Wallmapu [território mapuche]. [...] Apesar de ter sido um fenômeno histórico espacialmente localizado, ele se inscreve em um novo ciclo histórico global do colonialismo que inseriu territórios e povos indígenas na dinâmica da incorporação forçada [...] no marco da demanda por produtos causada pelo aumento demográfico, a Revolução Industrial e o desenvolvimento do modo de produção capitalista [...]. Tudo isso, amparado pela influência ideológica do positivismo e do evolucionismo, que enfatizou a existência de "raças superiores" e "raças inferiores", justificando a colonização, violência, genocídio e reduzindo os povos indígenas como um ato civilizatório<sup>17</sup>. (NAHUELPAN, 2012 apud MERY et al, 2017, p. 233, tradução nossa)

---

17 Citação Original: “[...] Si en el sentido más original del término el colonialismo descansa en el control que un Estado o pueblo establece sobre otros [...]; la formación del Estado en Chile y Argentina durante el siglo XIX significó la configuración de una relación colonial inaugurada con la puesta en marcha de dos procesos de conquista militar paralelos que fueron denominados

Como é possível perceber dos dois boxes com fontes que o livro didático disponibiliza aos alunos, existe uma preocupação em contrapor narrativas sobre os Mapuches. Se por um lado é citada a carta do coronel Saavedra de 1870 defendendo a ocupação do território Mapuche pelo caráter selvagem e atrasado dos mesmos, por outro, é apresentado aos alunos um texto de Nahuelpan sobre o colonialismo e o impacto das teorias raciais e positivistas nas ações indigenistas do período. O livro didático em si não assume uma posição, não busca ele mesmo construir uma nova narrativa (ou concorda especialmente com outra). Cabe ao professor conduzir estes diferentes materiais junto aos alunos e potencializar um debate profícuo que possibilite diferentes interpretações.

Na mesma página (233), em outro box, é apresentada a perspectiva do historiador Bengoa (2004) que conclama por um revisionismo na história em relação aos Mapuches, assinalando o pouco espaço concedido aos mesmos para negociação:

Seria necessário dizer, ao visitar a história, que lamentavelmente os mapuches e seus dirigentes não dispunham de muitos espaços de negociação [...]. A sociedade chilena de Santiago permitiu-se convencer que era necessário ocupar violentamente La Araucanía. É por isso que houve una combinación de estrategias, por un lado, de naturaleza bélica, de negociaciones e, de minoridade, de aceptación<sup>18</sup>. (BENGOA, 2004 apud MERY et al, 2017, p. 233, tradução nossa)

---

paradójicamente como “Pacificación de La Araucanía” y “Conquista del desierto” durante el siglo XIX. Estos fenómenos históricos cambiaron drásticamente la geopolítica y geoeconomía del Wallmapu [territorio mapuche]. [...] Aun cuando se trató de un fenómeno histórico espacialmente localizado, se encontraba inscrito en un nuevo ciclo histórico global de colonialismo que insertó a territorios y pueblos indígenas en dinámicas de incorporación forzada [...], en el marco de la demanda de productos ocasionada por el aumento demográfico, la Revolución Industrial y el desarrollo del modo de producción capitalista [...]. Todo esto, amparado en la influencia ideológica del positivismo y el evolucionismo que enfatizaban en la existencia de “razas superiores” y “razas inferiores”, justificando la colonización, la violencia, el genocidio y la reducción de pueblos indígenas como un acto civilizatorio”. (NAHUEL PAN, 2012 apud MERY et al, 2017, p. 233)

18 Citação Original: “Habría que decir, al revisar la historia, que lamentablemente los mapuche y sus dirigentes no tuvieron muchos espacios de negociación (...). La sociedad chilena santiaguina se había dejado convencer de que era necesario ocupar violentamente La Araucanía. Es por ello que hubo una combinación de estrategias, por una parte de carácter bélico, de negociaciones y, minoritariamente, de aceptación”. (BENGOA, 2004 apud MERY et al, 2017, p. 233)

Na sequência do livro é retratado o processo de distribuição das terras Mapuches pelo Estado Chileno aos colonos. Conforme podemos observar no fragmento abaixo, o livro relata, porém, não chega a analisar ou estabelecer uma crítica, o processo de distribuição como sendo um projeto de ativação econômica para a área. Nenhum documento ou fonte histórica é disponibilizado aos alunos para que possam debater as contradições deste projeto, muito menos avaliar as consequências dele. Se não dá para afirmar que o livro defende o projeto de desenvolvimento econômico da região da Araucania pela expulsão e criminalização dos Mapuches, por outro, ele não apresenta elementos para uma crítica destas práticas e ações do Estado chileno.

Na medida em que o Exército adentrou na Araucanía, os territórios ocupados foram confiscados pelo Estado **com o objetivo de distribuí-los aos colonos que pudessem iniciar o projeto de ativação econômica na área.** Desta forma, as terras Mapuche foram vendidas a colonos chilenos e também a estrangeiros. Estima-se que no início do século 20, mais de 30.000 colonos se estabeleceram nas terras de La Araucanía<sup>19</sup>. (MERY et al, 2017, p.234, tradução nossa, grifos nossos)

Além disso, esta passagem do livro didático contribui com o apagamento da luta dos Mapuches, populações que resistem há três décadas, deixando transparecer o discurso do avanço econômico, como se a região que se encontrava habitada pelos Mapuche representassem o atraso ao desenvolvimento do País e que para ocorrer o avanço econômico as terras teriam que ser distribuídas entre colonos e estrangeiros.

No próximo parágrafo o livro didático traz um texto sobre as reduções, que foi o destino que o Estado reduziu os Mapuches após ocupar a região Araucanía. Diante dessa emblemática esses povos perderam 5 milhões de hectares de terra, sendo relocados em 6% dessa totalidade. Ao perceberem que estavam perdendo força diante do enfrentamento do Estado, os mapuches foram obrigados a aceitar já que não tinham para onde levar suas famílias. As terras escolhidas pelo Estado do Chile se concentram

---

19 Citação Original: “En la medida en que el Ejército fue penetrando en La Araucanía, los territorios ocupados fueron confiscados por el Estado con el objetivo de distribuirlos entre colonos que pudieran poner en marcha el proyecto de activación económica de la zona. De esta manera, las tierras mapuche fueron vendidas a colonos chilenos y también extranjeros. Se estima que a comienzos del siglo XX más de 30 000 colonos se instalaron en las tierras de La Araucanía”. (MERY et al, 2017, p.234)

dentro da região de Araucanía, porém, a grande maioria era improdutiva, obrigando os Mapuches a irem para as cidades, ou trabalhar nas minas de salitre no deserto do Atacama. Neste cenário, aqueles que sobreviveram as reduções, foram submetidos a um processo de ressocialização e redefinição de identidade. (PARICAN; PADILHA, 2014)

As reduções. A população mapuche foi erradicada das áreas ocupadas e realocada em reduções indígenas, ou seja, terras dadas em concessão pelo Estado com um formato comunitário, geralmente localizado em terras com solo pobre e em áreas montanhosas ou costeiras. No total, houve 3078 reduções indígenas, concentradas principalmente na área de Cautín. A totalidade das terras usadas como reduções indígenas atingiu aproximadamente 6% do território histórico do povo mapuche<sup>20</sup>. (MERY et al, 2017, p. 234 tradução nossa)

Neste trecho é apresentado uma narrativa que tenta, a partir dos dados, expor como os Mapuche foram expulsos de suas terras, e realocadas em uma região definida pelo Estado. Dessa forma o livro didático expõe nessa narrativa algumas das consequências que resultaram com a ocupação da Araucanía. Nas seguintes páginas finalizando a temática é apresentado alguns textos com o intuito de descrever o papel das mulheres Mapuches, contudo devemos reconhecer as diferentes perspectivas que o livro aborda.

Devemos ressaltar o avanço na temática que o texto carrega em relação aos historiadores do século XIX e XX, ficando perceptível quando o livro traz autores do século XXI que são profundos estudiosos da história Mapuches como Quilópan e José Bengoa, para tratar da luta das mulheres Mapuches e a importância da função delas dentro das comunidades. Como exemplo, pode-se citar a narrativa que colocada por Bengoa na seguinte passagem: “La reducción en comunidades cercenó el espacio propio de las mujeres, los empobreció al extremo y desvalorizó sus principales funciones. Con la reducción se acabaron los intercambios políticos de mujeres para constituir aliazas” (BENGOA, 2004 apud MERY et al 2017, p. 236). Todavía, na

---

20 Citação original: “Las reducciones. La población mapuche fue erradicada de las zonas ocupadas y reubicada en reducciones indígenas, es decir, tierras dadas en concesión por el Estado con formato comunitario, emplazadas generalmente en terrenos con suelos de mala calidad y en zonas cordilleranas o costeras. En total llegaron a existir 3 078 reducciones indígenas, concentradas principalmente en la zona de Cautín. La totalidad de tierras empleadas como reducciones indígenas alcanzó aproximadamente al 6 % del territorio histórico del pueblo mapuche”. (MERY;et al, 2017, p. 234)

narrativa de Quilopán, é retomada a relevância da mulher Mapuche dentro da comunidade indígena e como o processo de dominação desde do período colonial transformou as funções que exerciam dentro de sua cultura.

A mulher dentro da sociedade Mapuche, por meio do casamento, era movida para viver na comunidade do marido [...] tornando-se assim o principal fator de união entre diferentes linhagens. Ela assume o papel (natural, não forçado) de transmitir linguagens, costumes e valores culturais às crianças, com a ajuda do pai e indiretamente da comunidade. Com todo esse processo histórico de dominação masculino-militar e pela violência exercida contra as mulheres desde então, os papéis de gênero dentro das famílias começaram a se transformar, com violenta repressão em relação às mulheres, incluindo suas diretivas mais íntimas<sup>21</sup> (QUALAQUEO, 2014 apud MARY et al, 2017P.236 tradução nossa)

Neste fragmento o livro didático traz uma narrativa que descreve como a cultura da mulher Mapuche foi modificada com o processo de dominação do Estado. Com as fontes históricas apresentadas nos boxes sobre as mulheres mapuches, o material passa a dar visibilidade para o papel que essas mulheres exerciam dentro dessas comunidades, bem como o período colonial modificou sua forma de viver dentro da comunidade. Mesmo o livro didático não problematizando a narrativa, analisa-se que ocorreu um avanço no século XXI referente à temática Mapuche analisada nesse livro, Principalmente ao trazer o papel da mulher Mapuche, o que não é de nenhuma forma evidenciado nos livros didáticos dos séculos anteriores.

É digno de nota que quando o livro busca destacar que a representação da figura da mulher Mapuche apresenta como fonte histórica uma parte da entrevista de Diva Millapán, que atualmente é coordenadora da rede de mulheres Mapuches:

Eles nos dizem para se contentar com o futuro ministério indígena, mas acontece que eu sou uma mulher e eu sou uma mulher indígena. Não podemos pedir tudo ao Conadi, as questões indígenas devem ser transversais a tudo, deve haver uma educação intercultural para todos ou então o racismo seguirá entrincheirado neste país e nunca mudará. Há uma grande resistência

---

21 La mujer dentro de la sociedad Mapuche a traves del matrimonio, se translada a vivir a La comunidad dl esposo (...) asi pasa a ser el factor principalde union ente diferentes linajes. Ella asume El rol (natural, no forzado) de transmitir el idioma lãs costumbresy valores culturales a lós ninos com la ayuda del padre e indirectamente de La comunidad. Con todo este proceso histórico de dominacion masculino-militar y por la violencia ejercid em contrade lãs mujeres desde aquella época, lós roles de genero dentro de lãs familias se enpezaron a transformar,com la represion violenta hacialas mujeres incluyendo sus derechos mas íntimo (QUALAQUEO,2014 apud MARYet al, 2017P.236)



de alguns setores para mudar as coisas e, obviamente, somos os mais renegados<sup>22</sup>. (MILLAPÁN 2014, MERY et al, 2017, p. 237, tradução nossa).

Ao destacar a entrevista, o livro dá voz a mulher Mapuche, colocando a sua representação na narrativa, pautando a discriminação existente na atualidade. Assim, quando a representante da rede mulheres Mapuche conclama pela obrigatoriedade dos temas transversais na educação, ela apela para a necessidade de que os chilenos possam conhecer os povos originários e começar um trabalho efetivo que possibilite mudar a visão racista em relação aos Mapuches no Chile.

O livro expõem diferentes narrativas, mas não as justifica e não as problematiza, cabendo o leitor fazer a interpretação. Esta opção metodológica pode conter um problema, ou seja, como o leitor vai interpretar essas fontes quando as mesmas estão carregadas de etnocentrismo. Enfim, o livro didático se torna omissivo diante das narrativas apresentadas, ele possui o mérito de trazer fontes históricas, apresentar visões de historiadores contemporâneos e até dar voz a uma representante das mulheres Mapuches. Todavia, é necessário que o professor faça a devida condução do processo de maneira dialógica e que acrescente outras fontes e dados para uma melhor contextualização das contradições existentes no processo de desocupação do território Mapuche e suas consequências nos dias atuais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A presente pesquisa procurou entender de que forma os indígenas Mapuches são representados nos livros didáticos chilenos atuais, buscando com isso analisar se as narrativas continuam tendo influência dos historiadores dos séculos passados. Ao

---

22 Citação original: “A nosotras nos dicen que nos conformemos con el futuro ministerio indígena, pero resulta que yo soy mujer, y soy mujer indígena. No podemos pedirle todo a la Conadi1 los temas indígenas deben ser transversal a todo, debe existir una educación intercultural para todos o sino jamás cambiará el racismo tan enquistado que existe en este país. Hay resistencia muy grande de algunos sectores de cambiar las cosas y obviamente que nosotras somos las más renegadas”. (MERY et al, 2017, p. 237).

analisar o livro didático do século XXI, procuramos analisar nesse trabalho um livro que estivesse em circulação nas salas de aulas desse ano 2018. Assim, o documento analisado é distribuído em âmbito nacional e aprovado pelo ministério da educação do Chile. Após a analisar o material é notável que o livro didático apresenta diferentes narrativas referentes à temática Mapuche. Trazendo textos do período colonial como também autores que abordam o tema na atualidade, ao trazer diferentes narrativas sejam elas carregadas de estigmas, como o texto do Saavreda, ou a tabela com a percepção atual dos chilenos sobre os indígenas, assinalando um alto índice de preconceito e estigma por parte dos cidadãos chilenos.

O livro não traz análises aprofundadas e nem se preocupa em construir ou desconstruir narrativas históricas. Ele possui o mérito de levantar um conjunto diversificado de fontes históricas, desde contemporâneas até antigas, fornecendo dados para que o professor em conjunto com os alunos estabeleça os parâmetros de um saber histórico. Para avaliar a permanência do discurso estigmatizado da historiografia positivista chilena.

Todavia, cabe ressaltar que, apesar de o livro possuir o mérito de trazer uma ampla e diversificada coleção de fontes sobre a temática Mapuche, a escolha dos autores nunca é neutra, principalmente em se tratando de um material feito pela editora Santillena sob encomenda do Ministério da Educação do Chile. Nesse sentido, inexistente na coletânea de fontes históricas qualquer material que forneça aos alunos informações sobre as críticas que o Estado chileno recebe contemporaneamente de inúmeras organizações internacionais sobre o tratamento dispensado aos Mapuches pelo governo. Ao ler as fontes disponibilizadas no livro ter-se-á a impressão de que no passado o Estado chileno agiu de maneira autoritária, agressiva e violenta com os Mapuches, no entanto, ao não apresentar fontes sobre como o Estado os trata atualmente, poderá levar a falsa percepção de que as formas autoritárias de tratamento aos povos originários são fatos do passado, o que não corresponde à realidade.

Se por um lado, o livro não reproduz literalmente as narrativas históricas dos historiadores positivistas do século XIX e ainda coloca uma ampla gama de fontes de permitem um olhar crítico sobre a atuação do Estado chileno no passado, por outro, o livro peca por omitir totalmente as pesadas críticas que o Estado chileno recebe

internacionalmente desde o período Pinochet até os dias atuais e que poderiam fornecer subsídios para, inclusive, retomando a primeira tabela apresentada no livro sobre o preconceito com os indígenas no Chile, realizar um trabalho de desconstrução destes estigmas. No entanto, pela coletânea de fontes apresentadas, o material induz professores e alunos a entenderem o problema do preconceito com os Mapuches como algo do passado que possui resquícios no tempo presente.

O capítulo que o livro busca descrever as narrativas sobre as mulheres Mapuche demonstra maior aproximação com uma perspectiva intercultural da história e seu ensino. Neste trecho percebe-se um esforço em apresentar a visão do outro, ou seja, é a primeira vez em todo o livro que os Mapuches ganham voz. No entanto, o livro não aborda uma crítica dessas mulheres em relação ao Estado. Na narrativa selecionada pelos autores, a representante das mulheres Mapuches citada defende uma educação intercultural e temas transversais na educação chilena como instrumento de acabar com o preconceito ainda existente no presente. Todavia, o livro didático não traz narrativas que façam críticas à atuação do Estado chileno.

O que percebemos é que, apesar do livro não reproduzir as narrativas positivistas dos historiadores dos séculos XIX e XX que retratavam os mapuches como bárbaros e selvagens e conclamavam pelo desenvolvimento econômico, o livro didático se omite em absoluto ao não mencionar que na atualidade o Estado chileno trata os mapuches como terroristas, o que não deixa de ser uma outra forma de reescrever a narrativa histórica sobre o outro como violento, alguém que precisa ser subjulgado pela força.

Verificamos que ainda existe no material analisado uma visão etnocêntrica do Estado em relação aos povos Mapuches. Para Rusen (2008) o etnocentrismo significa inscrever valores positivos na imagem de si mesmos e valores negativos na imagem do outro. O livro deixou de destacar a guerra e a luta dos povos indígenas que enfrentaram os espanhóis, acabando o colocando como inferiores e bárbaros, o etnocentrismo continua quando não é apresentado o Estado do Chile como principal responsável por excluir, inferiorizar e não reconhecer esses povos como donos do território da Araucanía. Para discutir a contemporaneidade dos indígenas é preciso que a

historiografia do livro didático avance, não apenas falando do passado, mas trazendo narrativas do presente. Segundo Rusen (2008), as narrativas-mestras existentes na historiografia dizem as pessoas quem elas são, ou seja, podem dar forma a indivíduos ou grupos ou mesmo culturas inteiras.

O livro não traz narrativas que abordem o tema de continuidade desses povos, como vivem atualmente, a sua relação com o estado na atualidade, muito menos preocupa-se em dar voz aos próprios Mapuches por meio de entrevistas com os mesmos ou dados de pesquisas feito com eles (o quadro sobre o preconceito é focado em como os chilenos vêem os Mapuches, não existe preocupação em como os Mapuches vêem os chilenos).

Portanto, não é dado voz para os indígenas escreverem sua versão da história, Rusen (2008) esclarece que a história não pode completamente dissolver o etnocentrismo na formação da identidade, mas pode ser proporcionar novas narrativas, ao propor novas perguntas e usar outro modelo de interpretação. Assim, o livro analisado apresenta mudanças da historiografia dos séculos XIX e XX e apresenta narrativas secundárias, não apenas as coloniais, porém, não é capaz de dar voz aos Mapuches ou estabelecer parâmetros para uma crítica ao papel do Estado no tempo presente.

Ao não colocar em pauta o debate histórico dos povos Mapuches versus o Estado é necessário considerar o papel do professor como mediador do conhecimento histórico. É possível com este material construir novas narrativas tal como aponta Rusen (2008), porém, o professor terá que ter um papel ativo neste processo. O livro não pode ser um fim em si mesmo, outros materiais e fontes precisam ser levantados, debatidos e analisados.

Entendemos que nossa análise é limitada e o mais adequado seria analisar o contexto de sala de aula, as práticas educacionais, enfim, os usos do livro e não apenas o livro. Pretendemos desenvolver futuras pesquisa dando continuidade dentro desta temática para um projeto futuro que apontam para a necessidade concreta de uma pesquisa empírica no Chile. Serão apenas por meio de observação participante,

entrevistas, grupos focais e talvez uma etnografia das práticas pedagógicas, que será possível analisar como ocorre essa relação do livro didático e como o conteúdo é abordado pelo professor em sala sobre a temática Mapuche. Todavia o livro didático é uma fonte, na maioria das vezes a única, na formação da imagem que temos do outro, cabe então perguntar como o professor como mediador do conhecimento lida com as informações transmitidas pelo livro didático quando se refere aos Mapuches, e como ele utiliza o material no processo de aprendizagem histórico do aluno. Levando em consideração que o livro sozinho não provoca reflexão, precisando do professor e do aluno para completar o processo de aprendizagem histórica.

## REFERENCIAS

- BENISCELLI, Leonora. Representaciones visuales de indígenas y suramericanas/os: análisis de la relación imagen-texto en ilustraciones de libros de Ciencias Sociales para Educación General Básica. Chile, 1970-1980. **Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación**, n. 1, p.112-143, 2013
- BENGOA, José. **Historia del pueblo mapuche: (siglo XIX y XX)**. LOM ediciones, 2000.
- BOCCARA, Guillaume. **Poder colonial e etnicidade no Chile: territorialização e reestruturação entre os Mapuche da época colonial**. 2017
- BOND, Rosana. Os heroicos mapuches. Rio de Janeiro: **Nova Democracia**, v. IV, n. 27, nov. 2005.
- BRANADA, Erik Alexis Moya. **A questão indígena em Chile: o caso Mapuche: um problema inacabado**. 2006.
- CASTILHO, Mariana Moreno. Tomás Guevara e o povo Mapuche. **História Unisinos** 20(2):178-189, Maio/Agosto 2016
- CHIHUAILAF, Arauco. et al. **Historia y luchas del pueblo Mapuche**. Santiago: Editorial AÚN Creemos en Los Sueños, 2012.
- CHIHUAILAF, Arauco. A prolongada guerra de Arauco: um mito multi-século? **Amérique Latine Histoire & Mémoire**. 2010.
- CHILE. **Pueblo Mapuche: Entre el Olvido y la Exclusión**. 2003
- GÁLVEZ, Gabriel Villalón; BLANCH, Joan Pagès. La representación de los y las indígenas en la enseñanza de la historia en la educación básica chilena. el caso de los textos de estudio de historia de Chile. **Diálogo Andino**, n. 47, p. 27-36, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1975.

GRAÚNA, Graça. Literatura e violência: dos saberes ancestrais à exclusão. **Pensando as Américas**, p. 84.

GREGORY, Vinícius Matté. **Os mapuches e os chilenos: conflitos e construção identitária**. Brasília, 2011.

LOPES, Ana Maria D'Ávila. "Conflito mapuche": aplicação da lei antiterrorista e violação de direitos humanos. **Rev. Direito Práxis.**, Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018, p. 587-609.

MENESES, Daniela Frías. La representación del pueblo mapuche en los textos escolares 1880-1930. **Memoria chilena bicentenario nacional de Chile**. 2010.

MERY, José Morales et al. **Historia, Geografía y Ciencias Sociales 1º Medio**. Editora Santillana, Santiago, Chile, 2017.

PAIRICAN PADILLA, Fernando. **Malon: La rebelión del movimiento mapuche, 1990-2003**. Santiago, Pehuén Editores, 2014.

QUILAQUEO, Daniel; TORRES, Héctor. Multiculturalidad e interculturalidad: desafíos epistemológicos de la escolarización desarrollada en contextos indígenas. **Alpha (Osorno)**, n. 37, p. 285-300, 2013.

QUILAQUEO, Daniel; MERINO, María. Estereotipos y prejuicio étnico hacia los mapuches en textos complementarios a la asignatura de Historia. **Campo Abierto**, v. 23, p. 119-135, 2003.

SIQUEIRA FILHO, Segismundo. **A resistência mapuche ao processo de colonização espanhol nos séculos XVI e XVII**. Um olhar sobre as obras de Alonso de Ercilla e Jerónimo de Vivar. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2009.

SMITH, Sara. **Manuales escolares de Historia y Ciencias Sociales y subalternidad mapuche en un Chile multicultural**. TINKUY, p. 53, 2010.

TAVARES, Elaine. **O povo Mapuche segue em luta**. Florianópolis: UFSC/IELA, 15 já. 2015.

VIEIRA, Fernanda Maria; FERREIRA, J. Flávio. "Não somos chilenos, somos mapuches!": as vozes do passado no presente da luta mapuche por seu território. **Interface: a journal for and about social movements**. Vol. 3, 118 - 144 (Maio 2011)

de Menezes, L. M., & Moya, S. G. B. Miradas desde la Historia social y la Historia intelectual. América Latina en sus culturas: de los procesos independistas a la

globalización. Arauco Chihuailaf La representación de los mapuches en la historiografía chilena: 1882-1973..... 467

KNOLL, Daniel Carlos. TEXTO DE JÖRN RÜSEN. Cultura: Universalismo, Relativismo ou o que mais?. **História & Ensino**, v. 18, n. 2, p. 281-291.